



Floreal

ANNO I



Num. 3



PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto



REDACÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 89

(1.º andar)



BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

Avulso: \$500

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.	3\$000	— Semestre.	6\$000
Anno.			12\$000
Avulso.			\$500



Rio, 12 de Novembro, 1907



Summario :

<i>A Evolução da Materia</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Tunica de Beijos</i>	Octavio da Rocha
<i>Cezar</i>	Gilberto Moraes.
<i>Plueação Negativa</i>	D. Ribeiro Filho
<i>Recordações do escrivão Isaias Caminha</i> (Continuação)..	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Jornaes e Revistas</i>	Juliano Palhares.
<i>Literatura e arredores</i>	Lima Barreto
<i>Theatros e Conferencias</i>	Chaves Barbosa
<i>Echos</i>	



AVISO

Prevenimos aos interessados que os numeros atrasados desta Revista podem ser obtidos na livraria Luso-Brasileira, á rua da Assembléa a. 46, ou na nossa redacção, á rua Sete Setembro n. 89, sobrado, onde sempre estamos, nos dias uteis, das 4 ás 5 hoas, á disposição dos que nos procurarém.



A Evolução da Materia

PELO DR. GUSTAVE LE BON

— Os raios cathodicos, os raios X, a luz negra, a radioactividade, crearam mais de uma difficuldade ás idéas que encontraram reinantes no dominio da Physica. Concépções antigas, velhas hypotheses, d'essas que Augusto Comte condemnou como anti-scientificas e que talvez sejam elémentos necessarios da comprehensão e resultados inevitaveis da capacidade de associar idéas, foram tomadas de surpresa por essas aparições com que não se contava, em desaccordo com ellas, apparente ou real. Multiplicaram-se então as investigações, construíram-se e destruíram-se hypotheses e theorias, tentando interpretar os factos conhecidos e soldar ás antigas as novas observações. O Dr. Gustave Le Bon distinguio-se extraordinariamente n'esse trabalho e o seu livro — *L'Evolution de la Matière* — é resultado de estudos feitos n'esse sentido.

— A conclusão ultima d'esse livro, conclusão que o Dr. Gustave Le Bon põe desde logo em destaque, prende immediatamente—é a negação do principio da indestrutibilidade da materia. Ao principio de Lavoisier — *Nada se perde, nada se crea* — elle substitue o seguinte: *Nada se crea, tudo se perde.*

—Dadas as idéas correntes actualmente, eu imagino que muita gente deverá ter diante d'isso a impressão que eu tive, de que se tratava ou de um erro grosseiro, ou de um paradoxo mais ou menos bem sustentado: em todo o caso de um trabalho de nenhum ou de pouco valor scientifico. Mas acontece que a demonstração do principio de Lavoisier deixa logar a objecções. Ella se limita á constatação, com o gráo de imprecisão das balanças mais aperfeiçoadas, da permanencia do peso; e é o caso de perguntar se entre a approximação da pesada e a duvida da generalisação não ha talvez lugar para alguma coisa que teria então um alcance provavelmente extraordinario. O facto, assignalado por Spencer, de não se poder conceber o desaparecimento de uma porção de materia, ainda mesmo que a nossa conformação cerebral o mantivesse indefinidamente não parece bastante forte ahi — não seria a primeira vez que o homem se encontrasse diante de duas affirmações diametralmente oppositas e todas duas irrecusaveis diante dos elementos cerebraes: bastava mesmo por, exemplo, o famoso sophisma de Zenon.

De qualquer maneira, eu li as primeiras paginas do livro e tendo lido essas primeiras paginas li todo elle. Elle é interessantissimo e talvez seja o ponto de partida consciente de uma grande modificação philosophica e economica. Não é que eu aceite tudo ou a maior parte do que o Dr. Le Bon diz ahi. Muito longe disso, muito frequentemente tive que discordar do que elle pensa. Mas o livro é por tal fórma rico de idéas, de observações, de experiencias interessantes, de approximações surprehendentes, que empolga immediatamente e prende até o fim. E a parte de verdade definitivamente obtida, posto que pequena relativamente do alvo que se teve em mira, é assim mesmo qualquer coisa que não se póde dizer até onde po-

derá crescer e que modificações poderá effectuar nas nossas condições de vida e nosso modo de comprehender o mundo.

Segundo o Dr. Gustave Le Bon a materia toda se dissocia lentamente; os productos dessa dissociação tem caracteres intermediarios entre os da materia e os do ether, tanto mais proximos d'este e tanto mais affastados d'aquella quanto mais adi-antada a dissociação; e tudo desaparece aos poucos no ether. Elle imagina para a materia uma constituição particular. Diz elle (pag. 12): «quando estudarmos a structura do atomo chegaremos á conclusão que o atomo é um immenso reservatorio de energia unicamente constituido por um systema de elementos imponderaveis mantidos em equilibrio pelas rotações, attrações e repulsões das partes que o compõem. D'este equilibrio resultam as propriedades materiaes dos corpos taes como o peso, a forma e a apparente permanencia. » Essa energia contida no atomo é o que elle denomina a *energia intra-atomica* e é com ella que elle explica os phenomenos de dissociação — os raios X, os raios cathodicos, as emissões radioactivas.

Foi o Dr. Gustave Le Bon quem primeiro demonstrou o character geral dos phenomenos de radio actividade observados a principio no Uranio e depois no Thorio, no Radio, etc.: n'um pequeno numero de corpos que pareciam os unicos a possuil-a. Effectuou um grande numero de experiências e as descreve no seu livro, mostrando como pela acção da luz ordinaria, da luz ultravioleta, da electricidade, do calor, das reacções chimicas, são obtidas dos corpos mais diversos os phenomenos radio-activos. Approxima os raios X e os raios cathodicos d'essa ordem de phenomenos e conclue pela identidade dos primeiros aos raios *gamma* e dos segundos aos raios *beta* das emissões radio-activas.

Para o Dr. Gustave Le Bon toda a manifestação de radioactividade importa em dissociação revelada e demonstrada pelos effeitos de calor, de electricidade, pelo spintariscopeo, pela acção magnetica.

Procurando medir, applicando theoremas de mecanica racional, a energia necessaria para a projecção de particulas, como eletrons e ions, productos da dissociação, com velocidades da ordem da velocidade da luz, elle chega a algarismos extraordinariamente grandes: a dissociação de uma peça de um centimo, effectuada n'um segundo forneceria 6 bilhões e 800 milhões de cavallos vapôr.

Elle procura harmonisar tudo isso com a sua hypothese da constituição da materia. As particulas projectadas, quer dos tubos de Crookes, quer de corpos quaesquer em radioactividade, seriam então elementos dos turbilhões atomicos cujo equilibrio fosse perturbado. N'esses elementos, n'essas particulas, que effectuam impressões photographicas, phosphorescentes, e atravessam, algumas, chapas de aço, elle encontra o desaparecimento de uma parte das propriedades da materia, a constancia, por exemplo, do elemento—massa—, a massa passando então a crescer com a velocidade. Elle procura acompanhar a dissociação até onde pôde, o mais longe que lhe é possivel— até os electrons dos raios *gamma* e dos raios X. E imaginando a evolução, ou melhor, a dissolução continuando n'esse sentido elle conclue pela perda final de todos esses effluvios no ether.

A hypothese é engenhosa e os elementos que se vão reunindo aos poucos tornam, á medida que se caminha pelo livro, a objecção cada vez mais difficil.

Experiencias de photographia e de electricidade, aproximações e observações de toda a ordem,

tornam, aos poucos, cada vez mais sustentavel essa synthese dentro da qual se encontraria mesmo a electricidade commum.

Em seguida elle expõe a importancia enorme das pequenas quantidades de substancia; o valor d'aquillo que se denominam as *impurezas* em Chimica; as probabilidades de que a radioactividade seja o effeito de reações chimicas; a variabilidade das especies chimicas; e a unidade provavel da composição dos corpos simples. E termina com um resumo de todas as suas idéas no assumpto no capitulo que intitula—Nascimento, evolução e fim da materia.

O livro está cheio de defeitos e de erros mas é simplesmente empolgante. Parece impossivel que um outro livro com o mesmo numero de paginas possa suggerir maior numero de idéias. Os factos apresentados ahi são do maior interesse, determinando approximações imprevistas e curiosissimas. A's vezes mesmo elles tem uma applicação immediata e facil a problemas extranhos ou que pelo menos parecem extranhos ao assumpto de que se trata, como, por exemplo, para citar o caso mais simples e mais claro—o dos veos incandescentes. Ahi o oxydo de thorio sosinho não produziria ou produziria em gráo muito pequeno a propriedade da incandescencia, e esta só é obtida convenientemente com a addição de 1 % de oxydo de cerio. Com o augmento ou a diminuição de quantum d'esta ultima substancia a incandescencia diminue immediatamente. Comprehende-se o valor de uma comparação n'esse sentido relativamente á medicina homœopathica.

O livro é assim extraordinariamente interessante; mas haveria n'elle muito que corrigir.

A exposição do Dr. Gustave Le Bon conquanto rapida, facil, brilhante, tem o defeito de diluir a argumentação, espalhando a dedução pelo livro

todo de um modo mais ou menos desordenado: o raciocínio não é seguido, homogêneo, seguro. Além d'esse ha, n'essa ordem de idéias, relativa á feitura geral do livro, ao modo geral de pensal-o e de escrevel-o, um outro defeito muito sério. Esse defeito, importantissimo, se revela logo no enunciado mesmo da sua conclusão: nada se crea, tudo se perde. Quem vê uma phrase como essa, imagina naturalmente que o Dr. Gustave Le Bon affirma a destruição da substancia emquanto que elle tem em mente a transformação da materia em elementos imponderaveis e a sua incorporação no ether, que não se póde dizer que não seja substancia. Depois ha mais ainda. O Dr. Le Bon apresenta a hypothese de haverem surgido o atomo e a materia da condensação do ether. Se é possível que a materia tenha provindo do ether, não seria possível ainda hoje uma evolução semelhante? E d'ahi, no mesmo sentido em que se disse que—tudo se perde— não se poderia, não se deveria admittir a hypothese de que alguma coisa se creasse? E não se poderia imaginar mesmo ahi um d'esses rythmos de movimento de que Spencer fala, a condensação e a dissociação se succedendo, n'uma oscillação, como uma arvore balançada pelo vento, em torno de um valor medio?

— Esse erro domina o livro todo, apparecendo ora aqui, ora ali, até a conclusão final

Além d'esses dois defeitos fundamentaes, o livro está crivado de outros de detalhe, de erros, de falhas. Assim é que o Dr. Gustave Le Bon se apresenta em posição especial contra os fazedores litterarios de philosophia, se apresenta como um observador meticoloso e a cada passo faz affirmações de que se está vendo immediatamente a falta de meticulosidade. Basta citar dois factos. Na pag. 8 diz o Dr. Le Bon que elle havia demonstrado experimentalmente que « os phenomenos observados

com os corpos ditos radio-activos taes como o Urânio — o unico d'essa especie então conhecido — podiam ser observados em todos os corpos da natureza»... Ora basta observar, entre outras coisas que occorrem immediatamente, que na epoca em que o Dr. Le Bon diz ter feito essa demonstração, segundo a sua propria affirmação n'esse mesmo trecho citado, o unico corpo, dos ditos radio-activos, conhecido, era o Urânio. A generalisação era muito mais açoitavel do que a que é feita geralmente aqui nas aulas de Physica onde se prova a existencia dos chamados póros sensiveis *em todos os corpos* fazendo passar mercurio atravez de um pedaço — sempre o mesmo, parece — de couro de buffalo; mas ainda assim era defeituosa. Esse é o primeiro factó; o segundo é o seguinte: á pag. 17 o Dr. Gustave Le Bon, procurando mostrar como era por sabios eminentes respeitado o principio de Lavoisier, cita Spencer erradamente. Diz o Dr. Le Bon á pag. 17:

« C'est ainsi, par exemple, qu' Herbert Spencer dans un chapitre des *Premiers Principes* intitulé *l'Indestructibilité de la matière*, dont il fait une des colonnes de son système, déclare que « si l'on pouvait supposer que la matière peut devenir non existante, il serait nécessaire de confesser que la science et la philosophie sont impossibles. » Ora o que Spencer diz não é isso. O que elle diz é o seguinte que eu copio textualmente da traducção de Cazelles:

« Si l'on pouvait montrer, ou si l'on pouvait avec quelque apparence de raison supposer, que la matière, soit dans ses masses, soit dans ses atomes, puisse devenir non existante, il faudrait ou constater sous quelles conditions elle devient non existante, ou avouer l'impossibilité de la Philosophie et de la Science »; o que é bastante differente do que publicou o Dr. Le Bon. Evidentemente foi uma citação feita de memoria, tanto mais que a querer citar aiguma

coisa n'esse sentido o Dr. Gustave Le Bon poderia citar o que é dito n'esse mesmo capitulo, no fim, sobre a indestructibilidade da materia considerando-a como significando apenas « a indestructibilidade da força » pela qual a materia nos é revelada. Esta citação aproveitaria mais ao Dr. Le Bon do que a do trecho que elle attribuiu a Spencer mesmo que Spencer o tivesse escripto. Não se trata de modo algum de uma citação propositalmente errada: essa supposição é que pôde haver de mais absurdo. Mas é em todo o caso um defeito, uma falta a notar, sobretudo em quem falou como elle na philosophia que sahe do laboratorios.

— Mas o livro tem ainda defeitos de outra ordem e fortes.

Tratando-se de calcular a energia proveniente da dissociação, á pag. 41, o Dr. Gustave Le Bon applicou ao movimento das particulas projectadas, o theorema das forças vivas. Ora sendo esses productos da dissociação, segundo o Dr. Gustave Le Bon, elementos de transição entre a materia e o ether, nada garante que a elles sejam applicaveis os theoremas da mecanica racional, deduzidos das 3 leis fundamentaes, de Kepler, de Galileu e de Newton. E' verdade que logo depois, á pag. 45, o Dr. Le Bon diz:

« Notre calcul de l'energie radio-active a été établi dans les limites de vitesse ou l'experience démontre que l'inertie de ces particules ne varie pas sensiblement, mais il est possible qu'on ne puisse — comme on le fait généralement cependant — assimiler leur inertie a celles des particules matérielles et, alors, les chiffres trouvés pourrait être différents. »

Mas, ainda que se interpretasse esse trecho da maneira mais favoravel, mais adiante, á pag. 185, o Dr. Gustave Le Bon conclue das experiencias de acção de campos magnetico e electrico sobre as par-

ticulas *beta*, que a massa d'essas particulas varia coma velocidade. Ora se a mecanica fosse applicavel ahi, salvo uma demonstração directa que não foi feita, o valor achado para a massa não seria variavel. A applicação dos theoremas da mecanica racional conduzindo a essa variabilidade, isso é um signal, salvo a hypothese citada e não verificada, de que a mecanica não é applicavel ahi. Nada garante então a realidade do valor achado para a massa. Poder-se-ia garantir sim, salvo vicio de experiencia, que não se tratava de materia commum, d'essa que nos é familiar e com que nós fazemos experiencias e observações para o estabelecimento das 3 leis da base physica da mecanica racional; mas não se póde dizer que nas particulas examinadas a massa varie com a velocidade.

Tratando-se da conservação do calor do Sól o Dr. Gustave Le Bon a attribue á energia intra-atômica libertada pela dissociação Mas n'esta questão de calor do Sól, debatida ha tanto tempo, não haverá um vicio de generalisação? Póde-se garantir, é razoavel acceitar que em todos os pontos da superficie espherica que tem para centro o Sol e para raio a distancia do Sol á Terra a descarga calorifica seja o que se observa aqui, no nosso planeta? Não haverá motivos para acceitar, pelo menos como hypothese, que essa descarga de calor é maior na direcção dos planetas do que nas outras direcções do espaço, em que a irradiação só muito longe do Sól encontre um corpo mais frio do que ella? Não se poderia assimilar o facto ao que se daria com encanamentos d'agua partindo todos de um mesmo reservatorio cylindrico, de fundo horizontal, geratrizes verticaes e secção circular, tendo todos a mesma carga, o mesmo diametro, a mesma declividade, inteiramente nas mesmas condições todos elles excepto quanto ao comprimento que eu suporia menor n'um d'elles do que nos outros?

Ha ainda uma serie de defeitos que eu deixo de citar para falar no mais interessante, pelo que revela do espirito do autor.

O Dr. Gustave Le Don é, pelo menos em Physica, o que o positivismo denomina um espirito metaphysico. Já não falando na sua crença na realidade do ether, que poderia ser apenas um effeito da permanencia, elle acredita por demais nas hypotheses que faz. A's vezes elle declara que se trata apenas de uma hypothese — mas logo adiante vem uma affirmacão cathgorica de certeza. Electrons, ions, atomos, turbilhões atômicos, elle acredita n'isso tudo.

N'esse terreno das hypotheses Augusto Comte é particularmente exigente. Elle não se contenta com a duvida a respeito de uma hypothese. Vae mais longe e só as permite em Sciencia como adiantamentos sobre a experiencia. E' mesmo ainda mais preciso dizendo na Philosophia Positiva :

« ; et que, par conséquent, on admettra, en physique, comme principe fondamental de la vraie théorie relative á l'institution des hypothéses, que *toute hypothèse scientifique, afin d'être réellement jugable, doit exclusivement porter sur les lois des phénomènes, et jamais sur leurs modes de production* ».

As hypothese do Dr. Gustave Le Bon seriam todas ellas condemnadas por Comte. Em todo o caso não me parece que essa condemnação fosse inteiramente justa. Uma hypothese sobre o modo de producção dos phenomenos, apresentada como hypothese, pode ter a vantagem de effectuar uma synthese e de compôr a comprehensão como um symbolo. E' mesmo innevitavel até certo ponto. Quem é que vendo o crepitar das pequeninas estrellas na placa de sulphureto de zinco de um Spintariscope póde deixar de associar o phenomeno ao choque de feixes de particulas?

Mas ha alguma coisa mais ainda. A crença, mesmo como a tem o Dr. Le Bon, n'essas hypotheses póde ser um estímulo forte para observar e compôr experiencias. O Dr. LeBon o sente. E não será essa crença errada, mais fecunda, a esse respeito, do que a feição positivista ?

— Mas com tudo o que se póde notar de defeituoso ou de inferior no trabalho do Dr. Gustave Le Bon, o seu valor ainda assim, é extraordinario. O caracter geral da radio-actividade, descoberto e mostrado por elle; as suas experiencias photographicas; as probabilidades que elle constróe da unidade de composição dos corpos; as aproximações e as hypotheses com que elle procura enfeixar um grupo vastissimo de phenomenos — tudo isso fica de pé. E elle nos colloca diante de uma possibilidade com tal força que mesmo tratando-se da destructibilidade ou indestructibilidade da materia, é necessario examinal-a e discutil-a cuidadosamente sem que se saiba de ante-mão aonde se irá chegar — se no fim do caminho ter-se-ha ou não que modificar bastante idéias fundamentaes na concepção do mundo.

M. Ribeiro de Almeida



TUNIEH DE BEIJOS

AO DEODORO LEUCHT

Em teu collo de jaspe a cabeça repouso
 E aspirando ó perfume e aspirando esse aroma
 Que se evola de ti, um desejo me assoma
 De sorver toda inteira essa fonte do Gozo

Uma poma me deste e depois outrá poma
 — Taças cheias de vinho — esse vinho cheiroso...
 Gotta a gotta sorvi o licor capitoso
 Que domina meu ser e os sentidos me doma

Lança as vestes de ti, e inteiramente núa,
 — Mostra teu corpo feito de um bloco de lua,
 Olympico, soberbo, a provocar desejos ;

E ao ver-te a fórma esculptural, a fôrma unica,
 Tua nudez envolvi nas dobras de uma tunica
 De caricias tecida, tecida de beijos!..

Octavio da Rocha.



CEZAR

Era um grupo de cinco ou seis creanças, formando roda ali, na alameda do jardim. O sol pallido, fraco, o anemico sol dos poentes invernaes diluía tonalidades melancolicas na relva verde-escura dos tableiros. Paradas ou saltitantes as creanças brincavam; juntas ou separadas iam, vinham e fugiam de novo. Nas corridas, nas fugas, nos ataques, às vezes, os seus cabellos louros, castanhos, negros, compridos ou curtos, chocavam-se. Os olhos banhavam-se de lágrimas brilhantes, de coleras rapidas.

Mas o que mais me prendeu a attenção foi um menino de oito ou nove annos, que pulava e corria mais do que os outros. Em certos instantes quando elle estava mais longe, eu sentia de um banco proximo a^o meu, um olhar tranquillo de mãe, inquietar-se e seguir vigilante os passos rapidos, emquanto uma voz murmurava «Cesar, Cesar.»

Nome evocador de idades mortas, de tragedias onde turbas submissas rugiam revoltadas e de novo se submettiam. E este outro Cesar, infantil e fraco, ali volteando pelas avenidas areientas do campo.

Quando elle voltava, meio cançado, com a bocca entreaberta, ia sempre sentar-se e a mesma voz velada e profunda dizia:

—Cesar, tu não corres mais hoje.

—Mais uma carreira só, os outros ainda vão correr.

E pedindo, voltava, para os olhos que o fitavam os seus grandes olhos negros, supplicantes, acariciadores, fugindo novamente para o circulo dos amigos, e Cesar reduzido do seu pequeno mundo, ia dirigir novos brinquedos, novos jogos.

Logo que vinha outra vez, para o banco, dos mesmos labios, cahiam quasi as mesmas palavras:

—Agora acabou, tu estás muito suado.

E uma branca e fina mão deslisava pelas costas do dolmann pardo, dedos indagadores, emquanto o filho respondia:

—Esta é a ultima, só esta.

Mais uma vez a mãe deixava que o já insubmisso Cesar fosse de novo pular, correr, cançar-se, pelas ruas, pelas avenidas, entre os outros meninos, na frente de todos, numa alegria doida, transbordante, no contentamento absoluto da idade irreflexivel.

Por instantes, um desvio imprevisto da marcha, trazia-os, a todos, bem para perto de mim e eu pódia contemplal-o a vontade, galopando serenamente.

Quando no jardim florido e magnifico, nesse mystico minuto ante-crepuscular puz-me a pensar nesse Cesar, amimado, obedecido, vigiado por um carcerreiro preso a sua vontade. Vi-o caminhar pela vida crescendo entre risos e festas, trotando em volta dos campos, dirigindo velocipedes, com satisfações successivas, infinitas, calmo, rico, querido e sempre feliz, até o momento em que bem amado da vida, soffresse a primeira dôr. Como a todos, chegaria a hora em que elle havia de sentir a cada passo que desse, uma figura seguindo a seu lado, attenta, inilludível.

Com a primeira idéa, o trabalho multimillenar do homem em revolta contra a natureza entraria linha a linha em seu cerebro a dentro deixaria o residuo de todas as dôres, das alegrias mesquinhas, das illusões dispersas, dos sonhos irrealisaveis.

E logo, com a segunda interrogação esse Cesar, para quem o mundo hoje se concentrava numa corrida e num descânço, havia de ver entrar, sem o poder impedir, no pensamento fumegante, o aguilhão formidável da duvida.

Depois, por todos os lados, rodeando-o, vendo todos os seus actos, guiando todos os seus passos, examinando todas as suas resoluções, os braços incontaveis da sociedade, a teia immensa onde todos são aranhas e todos são moscas; a teia insaciavel chupando, enrolando, asphyxiando...

Como o antigo escravo que adorava ou aborrecia o senhor, conforme o senhor dava descânço ou chibata, elle havia de odiar a vida, para logo após amar a vida e desprezal-a depois e tornar a idolatral-a, segun-

do recebesse da impenetravel deusa uma dadiya ou um castigo.

E a vida na sua horrivel harmonia tem de ser inflexivel. O homem está preso á Terra, a Terra ligada ao Sol, o Sol suspenso de outra estrella e tudo, do verme ao astro, galopa pelo espaço sem termo, tudo seguro, domado no infinito do tempo; na immensidade da distancia infinita.

Feliz daquelle que se satisfaz da sua liberdade relativa e se contenta quando o seu curto pé transpõe a todos os instantes o mesmo curto caminho e quando a sua idéa infima alcança o seu infimo conceito. E esse já indomavel Cesar tinha de ser como todos os revoltados, o escravo da vida; o servo que ruge concentrado.

Agora o mundo era o campo, cortado de alamedas sinuosas, cheio de grama e paz onde as suas pernas firmes galopavam, não sentindo ainda os abysmos imprevisos, os poços invisiveis fervendo, por detraz das rosas e da relva.

Ainda lá estavam todos rapidos, circulando, fugindo pela pista enorme e Cesar na frente altivo, triumphante e, attentas, seguindo-o, duas doces, tranquillias, profundas pupillas.

Quinze dias depois tornei ao campo, por um novo poente. O leve rumor, que passava, não conseguia afastar o silencio sagrado da hora. As mesmas crianças corriam, mas os passos deslizavam pesados, gritavam e os gritos saiam abafados e quando uma voz mais alta troava espancando a tristeza das coisas, havia gestos assustados.

Procurei com o olhar Cesar, o victorioso, o bem amado da vida, e no grupo que o peso indefinivel da hora chegava a tornar sombrio, não encontrei os

seus cabellos escuros, a face rosada, as pernas nervosas, todo o seu corpo radiante de leveza, de alegria.

Só no mesmo banco, no logar de sempre a mesma figura feminina, esbelta e grave, fitava com as pupilas saudosas, doloridas, a roda infantil e a sua visão scismadora, num longo olhar de exprobação e revolta ia mais longe, tacteando o espaço em direcção á abobada soberba, onde o Sol agonizava e ondé ella pensava existir um mundo, uma região encantada e mirifica, em que a alma pura e branca de Cesar, bem amado da vida, vagava entre incensos e canticos.

Rio, 907.

Gilberto Moraes



A Educação Negativa

IDÉAS GERAES.

O espectáculo desgostante da vida moderna, o aspecto irregular e inquietador da sociedade em que a fortuna ou o infórtunio nos mantem, fazem com que se pergunte:—Será este o fructo logico e legitimo da educação positiva que se ministra á mocidade contemporanea?

Eu o creio. A força de nos ensinarem a viver, matam-nos. Fazem de nós como dos animaes amestrados, os cães e ursos sabios, deslocados do meio natural e postos ao suicidio lento para hilaridade das multidões.

Educar é desvirtuar; toda a educação, por consequencia, age como os artificios, os instrumentos, os processos de transformação de um objecto

em outro, de um ser em sujeito diverso, de uma forma em forma divergente. Os bens ou os males da educação são de tal modo confundidos uns com outros, que é impossível dizer claramente onde uma educação trouxe um proveito, onde ella trouxe um desastre.

A analyse de todos os actos de nossa vida, executados, não de accordo com os instinctos, mas consoantes ao modelo dado na educação, a analyse e a criticã da nossa vida social são, nesse ponto, extremamente fecundas. Nós nada sabemos, nós não temos o menor vislumbre de consciencia para qualquer distincção entre os proveitos colhidos pela nossa educação e as perdas que della nos resultam.

Entretanto, como recurso de graça, a illusão milita em nosso favor, e na maioria dos casos asseguramos ingenuamente que vamos bem e que, somos felizes. Quer isso dizer: qualquer que haja sido a nossa educação, os actos de nossa vida se cumprem pelo melhor, ou, si estamos em estado de pessimismo, tudo nos vae mal. Nenhuma revolta, porém, contra a educação surge do desgosto de viver de accordo com os modelos impostos. Demais, na propria educação que se nos ministra, e que não passa de um *Chernowitz* moral e elegante, com formulas e receitas para as abstracções da vida, ha um principio altamente positivo para agir como escudo e máscara no convivio das gentes, e vem a ser este aphorismo machiavelico: « a ninguem confesses a tua fraqueza ». Resulta d'ahi que, tudo quanto confessamos, deve ser forçosamente o inverso daquillo que não confessamos; a verdade sobre os factos está com o segredo, e o segredo é a miseria, a vergonha, a ruina, a gangrena. Sobre-tudo, uma vez que semelhante aphorismo é do uso e da consciencia de cada um, todos nós já guardamos contra o proximo uma duvida segura depri-

mindando e invertendo todas as affirmações optimistas que ostentamos no *train-train* da vida.

Apezar, portanto, de nos sabermos falsos, nós nos acreditamos verdadeiros; tal é a força aniquiladora da nossa inverosímil educação.

Disgredindo assim sobre um caso pittoresco do moral humano, já sufficientemente discutido, eu guardo uma certa benevolencia contra esses principios que, sendo indifferentes para os fins particulares a que se destinavam, são fecundos para os fins superiores vizados por uma nobre rebeldia contra a vida actual.

Quero dizer que, á imagem desta parte modelar da educação social, o todo da educação humana é uma boa farça, um illusionismo, uma *jonglerie* que divertem um momento, uma vida inteira mesmo, mas que desgostam alfim, que irritam, que envenenam.

Semelhante educação que nos torna anormaes, artificiosos e articulados, é chamada de caracter positivo.

Si é positiva, e nos ensina o inutil, nos subjugando ao ephemero e nos desgarrando no superficial, a educação moderna dá logar a que pensemos, como remedio a um mal desgostante, em outra educação, na *educação negativa*, cujos fructos é possível avaliar desde já.

Não é só ministrando aos educandos uma serie negativa de principios em contrario aos que formam o corpo de doutrina actual, que se terá feito a obra maxima da educação negativa. O contrario das coisas que nos ensinam pouco nos ensinará. As deformações da educação positiva juntar-se-iam ás da negação, feitas em sentido contrario, por forças oppostas que acabariam aniquilando ou reduzindo a uma massa informe o sujeito sobre que agissem.

A educação negativa deve ter uma sanção pratica nas formas e nos recursos em que a educação positiva haja falhado, e embora essas falhas sejam quasi totaes, o systema não deve substituir radicalmente o outro, para não falhar egualmente.

Eu digo, por exemplo, educando á moda positiva: *Tem ambições e sê forte*; na fórmula negativa eu direi: *Tem ambições, mas limita-as á educação pura e simples dos teus sentidos, sê forte, mas tanto quanto baste para realizar os teus desejos.*

Ha ahi uma objecção grave: Os teus sentidos, sendo imperfeitos, as tuas ambições serão desmarcadas; os teus desejos, sendo anormaes, a tua força será monstruosa.

Sim. A'quelles que me objectassem semelhantemente, eu diria que os sentidos são a parte da natureza que a educação tem, até hoje, tentado aniquilar, e que só por essa deformação sinistra é que elles são irregulares, vesgos, *gauches*, claudicantes. Toda a educação que comprime os sentidos é falsa e odiosa, e, si é positiva aquella que os annulla, a negativa tenderá a cultural-os e restabelecel-os no nivel regular e compativel com a vida em si.

Os desejos, manifestações desses sentidos, são a vida por excellencia, e falar nelles é abranger o cyclo de toda a existencia animal. O mesmo raciocinio anterior se applica á objecção sobre a educação negativa dos desejos.

Ainda outro exemplo de pequena monta: Na educação actual, desde a cultura scientifica até á dos deveres do homem no seu fôro intimo, somos preparados para uma chimera ou muitas chimeras que se chamam: o Bem, a Justiça, a Egualdade, o Amor

Ainda que a vida nos desminta asperamente esses principios, acreditamos na sua validade, porque a educação positiva repousa sobre elles ou os mantém como mediadores da batalha implacave

pela existencia. Pois bem; na educação negativa dir-se-á simplesmente: «não ha bem nem mal, justiça ou injustiça, egualdade ou desigualdade, amor nem odio.»

Um espirito forrado dessa negação tem as mais solidas garantias contra as comedias que se representam, os qui-pro-quos, os *mal-entendus* nascidos daquellas chimeras; por isso que os factos, que ellas implicam, se demonstram negativamente por inversão. Uma vez, portanto, que o educador assevera haver um bem, elle presuppõe o mal no avesso, o odio nos antipodas do amor, a injustiça no reverso da justiça.

Si até hoje, todos os esforços dos espiritos apaixonados não conseguiram provar, nem definir, nem isolar o bem, o amor, a justiça, a egualdade, é provavelmente que, como a quadratura do circulo, essas coisas não serão jamais isoladas nem perceptíveis. Affirmal-as é incidir em um erro banal, ridiculo e esteril. Na educação negativa far-se-ia a ablação dellas, sem tentar substituil-as.

Sobre o bem, que é afinal uma idéa ancestral, poder-se-ia dizer: «o bem é a vida, quaesquer que sejam os seus males; e o mal é a morte, ou antes: a não-vida.» Sobre o amor, seria elle reduzido á sexualidade: o amor unico é o prazer do attrito intersexual, o odio será a indifferença, o não-amor. E assim tudo mais.

Em relação ao character, uma das pedras angulares de quanto monumento grotesco se ha elevado sobre o espirito humano, a educação negativa quebraria todos os modelos existentes e diria que o character é uma resultante, uma função desprezível de ser moral cuja existencia é um mytho e que é insusceptível de cultura, como o perfume por exemplo. Qual o hortelão que cultivaria o sabor das hortaliças e não as hortaliças?

Domingos Ribeiro Filho.

Recordações do escrivão Isaias Caminha

—:—

(*Continuação*)

II

A viagem de trem correu-me enfadonha. Não sei se devido á falta de commodidade do banco, não sei se ás grandes emoções porque passara, o certo é que me invadiu durante toda ella um lethargo, um torpôr que me chumbou o corpo e tornou-me a intelligencia difficil de penetrar. Encostado ao êspaldar do banco, viajava meio acordado, meio dormindo; de quando em quando, um solavanco do carro abria-me violentamente os olhos e obrigava-me a considerar mais detidamente a pay-sagem que fugia pela portinhola do wagon.

Eram as mesmas charnecas humidas ao sopé de morros de porte médio, revestidos de um matto ralo, anemico, verde escuro, onde, por vezes, uma arvore de mais vulto erguia-se soberbamente, como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade propria.

O sol coava-se com difficuldade por entre grossos novellos de nuvens erradias, distribuindo sobre as cousas que eu ia vendo, uma luz amarellaça e desigual.

Pelo declive suave de uma encosta, o tapete escuro do matto apparecia mosqueado, com manchas arredondadas, claras e escuras, salpicadas com relativa regularidade. Por aqui, por ali, trechos foscos e baços contrastavam com tufos vivos, profusamente illuminados—rebentos de vida n'uma pelle doente.

O trem parara e eu me abstinha de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão

onde havia café e bolos. Muitos passageiros lá se achavam. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como demorassem em me trazer o troco, reclamei. «O'! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem v.?! Aqui não se rouba, fique sabendo!» Ao mesmo tempo que eu, ao meu lado, um rapazola alourado, reclamava o delle, que lhe foi prasenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ella não rebentou em pranto. Tropego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da differença dos dous tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... Os meus dezenove annos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os hombros largos e os membros ageis e elasticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mativeram assim, apezar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez azeitonada, de azeitonas claras.

Além de tudo, eu sentia que a minha physionomia era animada pelos meus olhos castanhos que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei do meu pae. Demais, a emanação da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade. Por que seria então, meu Deus?

Os esforços que fiz, mais espessa tornaram a carapuça plumbea que me opprimia o cerebro. O torpôr tomou-me mais fortemente e por fim dormi, dormi não sei quantas horas, não sei quantos mi-

nutos, pois que, ao despertar, era bocca da noite, e o crepusculo cobria as cousas com uma capa de melancolia por assim dizer tangivel. Afagava, roçava pelas minhas faces, tocava-me nas mãos de leve como uma pellucia. . . Por entre laranjaes dourados de pomos maduros, a locomotiva corria célere. . . Chegamos á estação terminal, mas não acabou ahi a viagem. Passamo-nos para uma barca que atravessou vagarosamente por entre ilhotas até alcançar o largo da bahia.

O espectaculo chocou-me. Repentinamente eu me puz outro. Os meus sentidos se aguçaram; a minha intelligencia entorpecida durante a virgem, despertou com força, alegre e cantante. Eu via nitidamente as cousas e ellas penetraram em mim até ao âmago. Convergi todo o meu aparelho de exame para o espectaculo que me surprehendia. Estive por instantes espasmodicamente arrebatado, para um outro mundo, a adivinhar além das cousas sensiveis e materiaes. Voluptuosamente, cerrei os olhos; depois, aos poucos, descerrei as palpebras para olhar em baixo o mar espelhento e mysterioso. A barca vogava, as aguas negras se abriam fingindo resistencia, calculando a recusa.

O casario defronte—o da orla da praia, envolvido já nas brumas da noite, e o do alto, queimando-se na purpura do poente—surgia revoltado aos meus olhos, bizarramente disposto, sem uma ordem geometricamente definida, mas guardando com as montanhas que espreitavam a cidade, com as inflexões caprichosas das collinas e o meandrc dos valles, um accordo occulto, subtilmente logico.

Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma cousa de unificador, a abraçar o mar, as casas, as montanhas e o céu; pareciam erguidos por um só pensamento, afastados e approximados por uma intelligencia coordenadora que calculasse a divisão dos planos, abrisse valles, re-

cortasse curvas, afim de agitar viva e harmoniosamente aquelle amontoado de cousas differentes.

O aconchego, a tepidez da hora, a solemnidade do logar, o crenelado das montanhas engastadas no céu concavo, deram-me impressões várias, fantásticas, discordantes e fugidias.

Havia um brando ar de sonho, e eu fiquei todo penetrado d'elle. Andamos. Agora, a barca movia-se ao longo de uma comprida ilha pejada de edificios. Mais perto, mais longe, pequenas lanças corriam, erguendo para a pureza do céu irreverentes pennachos de fumaça; na linha horisontal de uma terra baixa, ao fundo, dolentemente agitado pela viração, um esguio coqueiro, firme e orgulhoso, crescia solitario; grandes cascos escuros de saveiros e galeras ruminavam placidamente; e botes velozes, cruzando as respectivas derrotas, brincavam sobre as ondas como crianças travessas.

Um escaler approximou-se da barca, bem perto; a tripulação rubicunda entoava uma canção, um hymno. O escaler afastou-se logo, desdenhoso e superior

Antes de atracar, a noite cahiu de todo.

Na cidade longos riscos de fogo brilharam, juntos e espaçados, rectos e curvos, parallellos e emaranhados. Chegamos. Quando saltei e me puz em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquella praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edificio sem gosto, offendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bella e magestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, margi-nadas de casas sujas e sem belleza alguma.

A rua do Ouvidor, que vi de longe, illuminada e transitada, em pouco diminuiu a má im-

pressão que me fez a cidade. Pouco antes de partir, eu me havia informado dos hotéis e, por essa ocasião, recommendaram-me o hotel Jennikalé, na praça da Republica, de modica diaria. Dirigi-me a elle, no proposito de me demorar os poucos dias exigidos para obter a collocação que me daria o deputado Castro. Fui jantar e sentei-me á mesa redonda, onde havia já muita gente a falar de tudo e de todas as cousas. Evitei travar conversa com qualquer dos circumstantes. Jantei calado, de olhos desconfiados, baixos, erguendo-os de quando em quando do prato para as gravuras que guarneciam a sala, sem me animar a pouzal-os na physionomia de qualquer dos commensaes. Não obstante isso, alguém, pelo fim do jantar, venceu a minha obstinação:

— Creio que viemos juntos...

— Não me recorda, fiz eu polidamente.

— Perfeitamente. O senhor dormia quando embarquei.

— Póde ser Viajei quasi sempre assim...

Alonguei a resposta muito a custo e a medo; mas, arrependido, comecei a pezal-a bem e vi que por ella o meu interlocutor não me poderia roubar o fraco peculio.

— Vim a negocios.... O senhor sabe, continuou o desconhecido; o senhor sabe: quem quer vai, quem não quer manda.... Se me limito a commendar a farinha — é uma desgraça! Chega azeda e de pessima qualidade — então é um inferno! Os freguezes reclamam; a pretexto disso, não pagam. Para evitar essas e outras, venho de dous em dous mezes compral-a, eu mesmo.... Veja o senhor só — é uma despeza, mas que se ha de fazer?!...

— O senhor está estabelecido?

— Em Itaporanga, sim senhor; tenho uma padaria, pequena sim, mas rende. O senhor sabe: o pobre não passa sem pão.

Aproveitei um instante em que se virara para o visinho, para analysar o padeiro de Itaporanga.

Era um homem baixo, de membros fortes, que respirava com força e desembaraçadamente. Falando, torcia com a mão aspera de antigo trabalhador, o bigode farto. Descobria-se que na sua mocidade se entregara a trabalhos grosseiros, mas que, de uns tempos a esta parte, gozava de uma vida mais facil e leve. O seu olhar inquieto e fugidio, mas vivo quando se fixava, era de velhaco mercadejante, bem com o codigo e as leis.

— O senhor veio a passeio? perguntou-me.

— Não senhor, disse-lhe de prompto. Vim estudar.

— Estudar!

— De que se admira?

— De nada!

Em seguida, abrindo o rosto queimado e ameiando a voz, em que havia longinquamente o sotaque portuguez, disse :

— Venha commigo, doutor ; vamos dar uma volta.

Não tive tempo de oppôr uma resposta. O padeiro voltou-se para os fundos da sala e gritou ao caixeiro:

— José! Charutos...

Aquelle homem ia pondo em mim uma singular inquietação. A sua admiração tão explosiva ao meu projecto de estudo, as suas maneiras ambiguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, prescrutador e sagaz, junto ao seu ar bonancheirão e simplorio, provocavam-me descontraídos sentimentos de confiança e desconfiança. Havia nelle tanta cousa opposta á profissão que dizia ter que eu me puz a desconfiar.— Quem sabe? Entretanto, a sua affabilidade, as suas mãos grossas,...

— Oh José! Os charutos? fez impaciente o negociante.

O caixeiro veio capengando sobre umas amplas botinas, e estendeu-nos uma caixa cheia de charutos claros, pimpantes, cujo aroma rescendia e tentava fumar-os.

— Sirva-se, doutor! São magnificos! O Machado recebe-os directamente.

E com um franzir de sobr'olhos, deu-me a entender a origem semi-criminosa dos charutos. Picou a ponta com os dentes, e não sem uma certa elegancia, chegou o phosphoro acceso ao seu e depois de esperar que eu tambem accendessee, falou-me :

— O doutor conhece o Rio?

— Não, fiz eu prazenteiramente, pois que o tratamento me agradava. Era a primeira vez que o recebia ; lisongeava-me naturalmente.

— Venha então commigo. Não saio nunca, mas posso acompanhal-o na primeira visita. Podemos ir ao theatro, são 8 1/2. Em dois minutos chego alli á confeitaria da Estrada, e antes das 9 estamos no Recreio....

— Mas, meu caro senhor...

— Lage da Silva, um seu criado.

— Mas, meu caro Sr. Lage da Silva, continuei, estou cansado. Seria melhor...

— Oh! o senhor! Um menino! Deixe-se disso... Vamos, doutor.

O doutor era magico. Accedi e o Sr. Lage da Silva, negociante com padaria em Itaporanga muito orgulhosamente estendeu a perna esquerda, e dos profundos refolhos da algibeira da calça respectiva tirou um masso enorme de notas, escolheu uma e pagou os charutos que fumavamos.

(Continúa).

Lima Barreto.

Revista da quinzena

Jornaes e revistas

O Paiz de 29 do mez ultimo, na secção *Artes e Artistas*, dá noticia de quatro descobrimentos de preciosidades artisticas. Não tiveram lugar entre nós, na Galeria Rembrandt ou no Pará.

Um realizou-se em Leipzig, outro em Douvres ; o terceiro em Munich e o quarto no Museu de Bruxellas.

São preciosos, de facto. O primeiro refere-se a *11 composições inéditas de Beethoven, que datam de 1819 e que foram escriptas para uma sociedade de musica fundada em Vienna por um grupo de amigos do illustre compositor. São musicas de dansa: quatro valsas; cinco minuetos e duas valsas lentas (tyrolezas).*

Não foi perfeitamente uma descoberta, adduz o mesmo jornal; as composições eram conhecidas, sabia-se da sua existencia, mas eram attribuidas á Escola de Weber; ultimamente, porém, fixou-se definitivamente a sua paternidade. São de Beethoven e vão ser editados.

O segundo descobrimento tem a historia banal e vulgar de todos os descobrimentos artisticos. Em Douvres, num belchior, um antiquario, etc., etc. Depois de limpar a téla, reconheceu que era de Rubens, pois tinha a assignatura desse grande pintor no angulo direito da téla. Enriqueceu, etc.

De todos, o mais importante achado é o de 11 (oh!) *retratos de imperadores romanos, pintados por Ticiano em 1537, para o duque de Mantua.* O descobrimento foi effectuado por um paizagista no palacio real de Munich.

E' facil de imaginar a importancia da descoberta e o attractivo excepcional que taes télas encerram.

O quarto não é inteiramente uma descoberta, é antes—uma identificação.

«O museu de Bruxellas, diz o *Paiz*, adquiriu em Abril ultimo, por 1.700 francos, um quadro attribuido a David Teniers. Ora, acaba de descobrir-se que esse quadro é um Rembrandt, particularmente raro, porque representa uma natureza morta, Vale mais de 50.000 francos.»

Taes são os auspiciosos factos de que o *Paiz* dá noticia, e levam a concluir que se a Terra não offerece mais regiões a descobrir, em compensação nos palacios reaes e belchiores ha campo para successos tão grandes como aquelle que devia ter enchido Colombo de uma emoção especial em 12 de Outubro de 1492.

O mundo vae ficando pequeno e os palacios muito grandes. E' um consolo.

*
* *

A *Liga Maritima* publicou o seu numero 5. Compramol-o por 400 réis, e é a segunda vez que o fazemos. Da primeira vez havia nella tantas mensagens que a julgamos uma sorte de diario official de todos os governos da União Brazileira. Entretanto, não foram totalmente perdidos os nickeis que gastamos. Um artigo de um respeitavel Capitão Tenente trouxe-nos inefaveis recordações dos tempos de collegio.

E' uma cousa sempre doce de ter, principalmente quando ellas são as dos inicios, dos começos, da aula de portuguez, dos primeiros passos na composição portugueza.

Imaginem os que nos lêem, que saudades não dá das «Descrições» do Dr. Alfredo Gomes, e como evoca as nossas aos treze annos, este lindo trecho da «Tempestade» do Capitão Tenente alludido, publicada no n. 4 da *Liga: era na manhã de 14 de Setembro de 19* !!

Este numero, o quinto, já não traz tantas *mensagens*, para não desacostumar os seus 40.000 leitores, porém, dá-nos umasinhado Rio Grande do Sul. Os annuncios, como sempre, accupam mais de dez paginas e a capa é uma bella allegoria do Malaguti. Ha estampas, as photogravuras de costume: um retrato de Deodoro, vistas de Escolas de Aprendizes, algumas bugigangas do Musêo da Marinha, etc.

A parte escripta é rica: seis artigos, tres sonetos e algumas notas.

Abre com um artigo allusivo ao 15 de Novembro. Obra fraca, tristemente banal, sem brilho nem relevo. Os artigos, em geral, soffrem de um grande defeito: não são nem technicos nem de vulgarisação. Para o primeiro fim, falta-lhes substancia, desenvolvimento e fundo; para o segundo, seducção e exposiçào facil, corrente, sem a phraeologia do officio.

Por exemplo: o artigo *A marinha de guerra e canhão* começa assim:

«Hoje em dia, quem diz Marinha diz canhão.

A comprehensào deste axioma já está facilmente se desenvolvendo entre nós de um modo admiravel, quer por parte dos officiaes, quer dos marinheiros, como uma consequencia directa de factos recentes.»

Eis ahí uma cousa que póde ser uma verdade extraordinaria, mas que o illustre official devia demonstrar e explicar a quem como nós, não está perfeitamente a par do assumpto. Agora, se o illustre marinheiro falava para seus pares, podia ter-se

dispensado de dizer uma cousa que talvez seja muito sabida e repetida entre elles.

Não julguem ver nestas notas má vontade da nossa parte para com a marinha. Gostamos muito della e dos seus officiaes. Na rua do Ouvidor, na Avenida, no Corso, nas entradas de bailes, reparamos sempre para duas sortes de pessôas : officiaes de marinha e moças bonitas. Mas dahi gostarmos de sua *Revista*, a cousa é outra .

Temos sobre a meza o n. 4 da *Revista do Brazil*.

E' um bello numero da novel publicação. Ha muito verso, mesmo muito, todos bons e dignos de nota, sobresaindo entre todos, uma *Oração* de Hermes Fontes, animada por um *elan* poetico pouco vulgar na joven poesia brasileira.

Nella, encontram-se versos soberbos, imprevidos. Vejam só este que quasi vale por si só, isolado : *um sol, dous sóes, tres sóes, milhões de sóes, constellaões*.

Relativamente, em prosa, a *Revista* é menos opulenta, sem deixar de ser tambem brilhante.

Lafayette Côrtes continúa a sua «Viagem ao Norte»; e Anibal Mattos subscreve um interessante «Sonho de Estudante».

Ha ainda um curioso artigo de Noronha Santos, sobre antigos «Jornalecos e Pamphletos». Cita delles: *Os ladrões de casaca*, o *Barco dos Traficantes* e o *Hospital dos Loucos*, publicados respectivamente em 1867 e 1862, os dois ultimos. São da década de 60 a 70, que se inicia com a humilhante questão Christie, pondo em alta tensão o patriotismo nacional, sobrecarga que foi encontrar a sua fatal sahida nas guerras do Estado Oriental e Paraguay, que afecham. E' uma epocha de acceleração do nosso patriotismo, que,

naturalmente impressionado e exacerbado pelas affrontas do Ministro Christie e do Almirante Warren, devia ter-se manifestado tumultuariamente e posto nos animos apaixonados azedas hostilidades contra os homens publicos do tempo. Por isso, seria de particular interesse que um estudioso intelligente, como o Sr. N. S., se esforçasse por nos dar esses documentos impressos enquadrados na atmosphera moral e politica da epocha.

Os trechos que transcreve, mostram que a nossa satyra, por aquelles tempos, ainda era por demais pelluda e grosseirona, aliás, parece, os taes jornalecos não na queriam fina e delicada.

Coisa notavel! Segundo o artigo do Sr. N. S., estes versos (?!):

*Por dentro — pão bolorento,
Por fóra — corda de viola.*

usados ainda hoje não sei em que jogo infantil, foram em primeira mão destinados a ferir os *pais da patria*. *Sic transit...*

O artigo, de um interesse inegualavel, veio ao encontro dos nossos gostos pessoaes, pois é um delles, conforme a lição do mestre de nosso amigo e primo Barreto, o eminente J. Gonzaga de Sá, official da Secretaria dos Cultos, a leitura de folhetos esquecidos e obscuros. Sabemos perfeitamente como é feita a opinião da nossa grande imprensa (jornaes e revistas), para ir procurar opiniões sinceras e originaes nos jornalecos e pamphletos pouco lidos. E' facil, portanto, de inferir que interesse não teve para nós um estudo sobre alguns de 62 e 67.

A *Revista do Brazil* traz ainda um bom conto «Um doente» do Sr. Francisco L. França, em que ha reaes qualidades de exposição e composição ; e outros artigos em prosa dignos de leitura.

Juliano Palhares.

LITERATURA E ARREDORES.— *Estudos de uma moral. Cravo Vermelho, romance por Domingos Ribeiro Filho. M. Piedade & C., Editores. —Rio de Janeiro.*

Não convem repetir aqui que é um prazer travar conhecimento com um autor como o deste livro. Primeiro, porque, na verdade, não travo conhecimento algum; segundo, porque é repizar uma velha banalidade.

Nós nos conhecemos ha muitos annos. Por esse tempo, o Domingos era secretario da «Avenida» —lembram-se?— um semanario illustrado que alcançou uma voga merecida com as inegalaveis *blagues* do *Cardoso Junior*, um curioso espirito cheio de *verve* e poesia que a Morte nos roubou tão cedo.

Encontramo-nos, eu e o Domingos, discutindo. Dahi em diante temos discutido sempre, Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões accentuadas e, em geral, de opiniões contrarias ás minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta.

Domingos, por exemplo, acredita na Sciencia, isto é, na Sciencia com S grande, como diz o Sr. G. Galante, essa milagrosa concepção dos nossos dias, capaz de nos dar a felicidade que as religiões não nos deram; acredita, *ipso facto*, que ella é a expressão exacta de uma ordem externa immutavel e constante. Eu não. Tenho as mais sagradas duvidas a ambos os respeitos.

Seu livro está cheio dessa sua candida crença. Na pagina 143, um dos seus personagens affirma categoricamente: «Ha conquistas que não serão jamais ecedidas, a mitologia grega, o « Dom Qui-

xote de La Mancha», o romantismo e o darwinismo. Tudo isso é um limite para todo o sempre imutável como a geometria de Euclides, a orbita terrestre e a lei da queda dos copos.»

A phrase é eloquente e apaixonada. E' uma moça a falar; e quando as moças falam nessas cousas, lembram sempre as normalistas, cuja intelligencia aos 25 annos tem as confianças e as certezas de um rapazola de 17.

As conquistas a que ella se refere, são serialdas chronologicamente. E' caso, portanto, de lhe dar parabens por ter nascido nos nossos dias e não no seculo de Pericles, porque se assim fosse só teria uma para lançar mão; e é caso tambem de desejar que viva muito ainda para ter outras a ajuntar á sua linda lista. E' possivel que ellas sejam immutaveis, mas não como a geometria de Euclides, mas não como a lei da queda dos corpos e muito menos como a orbita da terra. Sem falar nas geometrias não euclidianas, sem invocar os nomes de Lobatschevsky, Riemann e a subtil « Science et Hypothèse » do eminente H. Poincaré, basta considerar que as modificações trazidas com o correr dos annos nos enunciados dos theoremas, nas demonstrações são taes que a famosa immutabilidade fica reduzida a muito pouco. E quanto á lei da queda dos corpos, basta que um dado novo se apresente para que ella seja desfeita, assim como o foram as de Aristoteles e Baliani.

Os senhores não se assustem com esta minha sabedoria: eu levei quatro reprovações em mechnica racional. E, numa dellas, examinou-me, tive essa honra, a sabedoria excepcional do dr. Otto de Alencar, que ficaria deveras surprehendido se alguém lhe fosse dizer que a orbita da terra é immutavel. Havia de olhar um pouco de lado e aconselhar ao crente que consultasse a « Movimento da Terra », *Astronomia do Delaunay*, pags. 299 a 338.

Vejam só como foi máo nos conhecermos discutindo! Até hoje, em presença de seu livro, vou perdendo um tempo enorme num debate sem logar!

Deixemos de affectações sabichonas de estudante *manqué*, e examinemos o livro propriamente,

O romance é de enredo simples e de poucas personagens. Trata-se de um moço, bacharel e litterato da vanguarda, que se casa com uma sua prima, Laura, moça futil e de boas carnes apetitosas, por capricho sensual e mais nada.

Volta-lhe do Pará o antigo namorado, o Tenente Nelson, official da flotilha que o pae de Laura chefiara. Reata o namoro e como esteja agora casada, o episodio sentimental acaba de maneira diversa.

Leonel Barbosa, seu marido, que se agastava com as suas manias mundanas, ficando sempre nisso, tem noticia da traição da mulher. Uma noite, surprehendendo-a em confabulações com o amante no jardim de casa, expulsa-a e vae procurar no seio amigo de uma moça, Carolina, que conhecera antes de casado e camarada sua de sonhos e doces chimeras, conforto, alento, paz e amor.

Domingos desenvolve tudo isso com a eloquencia e o brilho verbal, esfusiante de paradoxos e *saillies*, que lhe são peculiares.

O primeiro capitulo, aquelle em que o Dr. Leonel discute em casa de D. Olympia, mãe de Carolina, as suas idéas sobre o amôr, sobre o ciume e o casamento, é de uma vivacidade encantadora. O perfil de Carolina é traçado com grande segurança, e, comquanto pareça um pouco *fantastico*, na sua obra é tão coherentemente feito, são tão bem juxtapostas as partes componentes, que ella nos seduz pela sua propria artificialidade.

Não é assim o juiz Leonel Barbosa. Ninguem poderá achal-o irreal. Juiz e anarchista ao mesmo tempo, soffrendo da insufficiencia de seu pensa-

mento, sensível e sensual, arrastado a um casamento infeliz, os seus actos vão se desdobrando no romance com a logica de uma vida normal e commum. A explicação que tem com sua mulher, depois de descoberta a traição, no final do Capitulo XI, é uma das melhores paginas do livro. Ha uma força não commum de sarcasmo pungente e de ironia impiedosa.

E' pena que phrases de um máo gosto evidente—*a nuvem ironica da covardia empanou o sol da minha clarividencia*—tirem-lhe ás vezes o gume da phrase acerada.

Sinto que Domingos não tenha posto o maximo cuidado no estudo do temperamento do Tenente Nelson, do Commandante Romeiro e sua filha Beatriz; sinto tambem que não haja mais poesia no seu livro. Elle todo, quando não é psychologico, é intellectual e doutrinario, destinado a nos dar opiniões e crenças, a rebater *certas infamias que andam por ahí*, falta-lhe a locação, a ambiencia, e isso é tanto mais de lastimar quando quem escreveu aquelle lindo final do Capitulo VI seria perfeitamente capaz de mostrar essa transcendental communicação do homem com as cousas.

Tal me pareceram ser as qualidades e defeitos, no meu ponto de vista, do *Cravo Vermelho*, que me trouxe grande satisfação de ver condensadas em linhas de typographia as idéas originaes e inesperadas que o Domingos vinha gastando nos cafés.

E o publico, se o lêr, terá nelle um motivo de grande alegria intellectual, por ir encontrar entre nós um autor tão proprio e tão differencial.

Lima Barreto.

Theatros e

Conferencias

Durante a quinzena passada, houve nos nossos palcos um pequeno movimento que convem registrar. No Recreio, por ocasião de festejar a companhia Dias Braga o seu 24.º anno de existencia, foi levado á scena o «Medico das Loucas», drama de Montepin e Dornay, traduzido por João Luso; e no Lucinda, «As Mulheres de Palha», comedia traduzida do francez pelo Sr. João do Rio, do Instituto Historico.

São duas peças de segunda ordem, traducções além, mas que entre nós, no nosso acanhadissimo meio theatral, répresentam um facto digno não só de menção, mas tambem de franco e decidido apoio.

Não vi o «Medico das Loucas»; no Lucinda, porém, a 28, fui assistir ás «Mulheres de Palha». A concurrencia era diminuta, mas escolhida, como se diz no estylo de noticiario.

Grande cópia de amigos do traductor lá estavam a postos.

O espectáculo correu frio, não houve grandes applausos, nem grandes risos, embora a traducção seja bem feita, espirituosa e *up-to-date*.

Acho curioso que pessoas de nome, cheias de transcendentales poderes, dispondo do cartaz jornalístico, como os Srs. A. Azevedo, João Luso e Paulo Barreto, não concordem n'uma agitação séria para levantar o theatro entre nós.

Em geral, elles se limitam a deitar, de onde em onde, alguns folhetins de lastimas, e isso quando

as suas peças caem. Não é preciso ter trabalhado muito tempo nos escriptorios da Lambary e Cambuquira, ou observar os recursos do *Puirgen*, para se affirmar que o género de propaganda que empregam, é completamente improficuo. Falta-lhe continuidade e attractivo.

Não seria difficil a jornalistas de sua fama a organização de uma associação, de uma liga, em que entrassem actores, amadores, destinada a levantar o theatro em portuguez entre nós, por meio de uma propaganda tenaz, contínua e variada.

O successo de certas marcas de cerveja e de calçado, obtido com o annuncio intelligetemente feito, traz proveitosos ensinamentos á questão.

Occorreu-me isso na noite da representação da peça de Gavault e Guillemand, quando olhei a sala semi-vasia, apezar dos meios efficazes de annuncio de que o seu intelligente traductor dispõe.

Seria feio que elle os tivesse empregado em seu favor, talvez mesmo não dêsse resultado ; mas se a campanha datasse de alguns annos atraz, em prol do theatro em geral, bastavam alguns annuncios, em todas as folhas, para que a concurrencia tivesse sido maior.

Trata-se, nada mais nada menos, de recalcarrem um pouco o egoismo profissionall de cada um, e trabalharrem de commum accordo para uma obra de interesse geral.

Embora eu não queira de modo algum substituir o Sr. Francisco Guimarães, deixo aqui esta lembrança para que seja tomada na consideração que merecer dos interessados.

*
* *

As conferencias que, ha mezes, se repetiam com tanta frequencia vão pouco a pouco escasseando.

Nos ultimos quinze dias passados, creio que foram annunciadas unicamente duas: uma da interessante senhorita Julia Cesar e a outra do Sr. Coelho Netto.

Esta ultima vem sendo annunciada durante o mez todo, e por isto ou aquillo, foi adiada até 30. Houve quem dissesse que motivaram isso dous factos sem connexão alguma: a teimosa chuva dos ultimos sabbados e a escassa venda de entradas, que foram passadas pelos amigos como nas representações particulares e de beneficio.

Não fui e não irei. Não supporto o Sr. Coelho Netto. Acho-o falsissimo com o seu bucolismo portuguez de zagaes e ovelhinhas brancas, de serranas e espigas louras; não lhe tolero o aprumo conselheiral do periodo, a emphase, a solemnidade, a mania biblica e os termos sem significação, sem valor algum, para as nossas idéas e sensações actuaes, catados aos dictionarios. Os jornaes, porém, rasgam-lhe os mais decididos elogios, e o «Binoculo», com uma antecedencia louvavel, deu o resultado da conferencia nos termos mais calorosos e veridicos.

Os jornaes são sempre insuspeitos.

Chaves Barbosa



ECHOS

V., um attraente collaborador do «Paiz», ha dias, falou-nos superiormente sobre os jogos da moda. Entre elles, o elegante chronista referiu-se ao vetusto «bilboquet», no seu entender, um perfeito «out door game» pois só póde ser jogado nas chacaras dos collegios «chics» e nunca nos salões dos mesmos.

O que, porém, me pareceu extraordinario no seu estimavel artiquete, foi ter V. dado a entender que vagueia pelas chacaras dos collegios de meninas, procura-as nos kiosques afastados para lhes propor o moderno jogo «diavolo», em vez do «bilboquet», que parecem apreciar com paixão.

Não sei ao certo como seja o tal «diavolo»; mas, como tenho certa força de intuição, acredito que se trate de alguma modificação recentissima do velho jogo do demo-serpente no Paraiso (Genesis, cap. III), ao qual tanto deve de bem e de mal esta nossa especie humana. E' o titulo que me leva a isso.

Entretanto, embora com modificações, attendendo as desvantagens resultantes d'elle, não me parece divertimento lá muito para recomendar a uma menina qualquer, quanto mais a uma sagrada *up-to-date!* E mesmo que o fosse, pasmo que V. tenha desviado a attenção dos leitores do grande jornal, para assumpto que tão restrictamente lhe interessa, permittindo até que alguns interpretem malevolamente a sua confissão, comquanto possa ser desculpa sua (e eu a admitto) que em homem com o seu lindo talento não ficam mal algumas dessas excentricidades malsinadas pelos psychiatras, entre os quaes, se não estou de todo esquecido, conta-se um tal Krafft-Ebing.

Lastimando a sua confissão, não é proposito meu dissuadir o velho camarada V de continuar nesses agradaveis exercicios, tão favoraveis, segundo parece, ao desenvolvi-

mento da sua intelligencia. Ao contrario, muito ao contrario! Pois seria até do meu prazer vel-o funcionando plenamente nessa modificação do veneravel jogo biblico!

E caso não lhe fosse possivel, á vista da minha extracção plebéa, permittir-me a entrada na ensombrada chacara (especie de *Paradou*, com certeza) do collegio rico, accetava que elle se me mostrase depois da partida, afim de lhe notar as luminosidades do olhar e as irradiações da physionomia, porquanto ainda estou bem lembrado de que Barbey d'Aurevilly diz nas suas «*Diaboliques*» que o melhor regalo do diabo é uma innocencia. Ah! Tiberio...

Se assim fôr de seu agrado, é favor escrever-me para o escriptorio do «Floreal».

*
* *

Alegres e felizes, a passos meditados, caminhavam ao longo da formosa Avenida Beira-Mar o illustre dr. Umberto Gottuzo e o sr. dr. Ataulpho Napoles de Paiva.

Cahia a tarde. Tudo era monotonia. As ondas vinham morrer preguiçosamente na muralha pètreia do cães. Um vento leve, um vento que de tão leve nem era vento, era uma especie suavissima de brisa, acariciava, cicante, as folhas verdes. Para completar a descripção do quadro em que se moviam os dois egregios patricios, eu poderia, com grande brilho, enfileirar todas as velhas chapas do velho e poetico estylo dos bucolisinos e dos idyllios. Imagina, leitor, que eu as enfileirei e que tu as leste. Sáio, pois, da phraseologia eleváda. Caminhavam as duas culminancias. Dois operarios, marchando em sentido contrario, estendiam um fio de arame ao longo dos postes illuminativos. O medico e o juiz pararam subitamente, examinaram attentamente o arame. Disse um, intrigado:

— P'rá que diabo será este arame?!

E o outro, gravemente.

— Com certeza é para o telegrapho sem fio.

... não assenta bem á classe esse unico rotulo de mo-

ços bonitos, procuremos um titulo generalizado, que englobe a todos com acerto e equidade. A nossa mania em tudo é imitarmos Paris. Pois então ha um nome já prompto, até consagrado pela admiravel peça de Dumas filho, que bem desenha o typo sob a rubrica de *M. Alphonse*. Chamem-se *os Affonsos* todos esses que, sem distincção de physico e idade, exploram a toleima feminina.

(CARMEN DOLORES, *Paiz* de 17 de novembro)

As razões são tão profundas, são estabelecidas com tanta logica, que a gente fica a pensar que se esconde de baixo dessas manhosas palavras uma cega opposição ao conselheiro Affonso Penna

*
* *

Pequeno almanaque de celebridades—DUAS PALAVRAS

— Nestes ultimos cinco annos, depois que gozamos da benefica influencia dos requintados habitos da diplomacia superior do Barão do Rio Branco, os *restaurants* têm ganho muito, entre outras razões, pelo simples facto de ir sendo a nossa capital objecto de frequentes visitas de milhares de estrangeiros. Não ha oito dias um dos proprietarios da casa Franciskaner, á Avenida Central, dizia a um dos nossos amigos que, se alguém merecia especial gratidão da classe dos hoteleiros, nesta nossa terra asselvajada, era o illustre brasileiro que preside excellentemente as nossas relações exteriores. O Moreira, do Minho, é tambem dessa opinião.

A observação nos foi transmittida e puzemo-nos a pensar em tirar das nossas modestas pennas alguma coisa que nos pudesse dar um relativo lucro com os estrangeiros de passagem e com o Barão do Rio Branco. Não deviam ser só os hoteleiros a enriquecer com elles...

Em começo, pensamos em fazer algumas odes: lembramo-nos, porém, que o Snr. Mario de Alencar já tinha explorado o filão e que, para os estrangeiros, ellas seriam perfectamente incomprehensíveis.

Para agradar unicamente ao Barão, seria estulto. Nunca

tirariamos do nosso plectro, os carinhosos sons que a doçura archiangelica do Snr. Alencar soube tirar. Nesse intuito, mais valeria então pôr em versos portugezes o velho romance de Rabelais. Tentamos a obra; mas quando chegamos áquelle Capitulo XXI do Gargantua, especialmente no trecho : *Puis estudioit quelque meschante demie heure, les yeulx assis dessus son livre ; mais, comme di le Comique, son ame estoit en la cuisine* — até — *et lors cessoit de manger quand le ventre luy tirait*, vimos bem que estavamos a plagiar vergonhosamente o sr. Mario de Alencar. Desanimamos e, vindo-nos á memoria o famoso Almanaque de Rivarol, lembramos que seria bem util aos estrangeiros de passagem um livrinho de informação succinta sobre cada uma das pullulantes celebridades de nosso meio, e que elle seria até necessario ao proprio barão do Rio Branco, quando quizesse fazer nomeações para diplomacia ou para a Academia de Letras.

Eis como nasceu este Almanaque.

Por ora, sae desageitado, sem ordem alguma; no fim de um anno, porém, havemos de organizal-o em perfeita ordem alphabetica, solicitando do nosso amigo Serpa Junior alguns dados biographicos e os «clichés» dos retratos á publicados na «Rua do Ouvidor». Assim prompto e em obra, offercel-o-emos ao Sr. Olavo Bilac, para figurar como appendice a uma 2ª edição do seu guia dos Estados Unidos do Brasil, fazendo nós traduzil-o convenientemente para o francez e pagando-nos o Sr. Bilac uma certa porcentagem sobre a venda do seu curioso livro.

Estão, portanto, os leitores inteirados das origens e os fins deste Pequeno Almanaque de Celebridades Brasileiras. Não são outros.

* * *

Num dos ultimos domingos (segundo o Joe do *Cine-natographo*, o domingo é o dia em que o carioca lê) o *Jornal do Commercio* publicou, na integra, a ordem do dia 1.º do valoroso BARÃO DA FRENTE, ao assumir... a cadeira Casimiro de Abreu, na Academia de Letras.

Como de uso em taes documentos, o illustre almirante

recordou a sua gloriosa carreira militar, accentuando que, rapidamente, galgara todos esses postos, e, desse modo,—(era bem que o soubesse o Sr. Affonso Penna, *n'en dé-plaiseo* Sr. Alexandrino de Alencar)—sempre tivera o cuidado de se preparar para assumir, em qualquer momento, a suprema direcção das coisas navaes.

S. Ex., confessando, com encantadora modestia, a pouca assiduidade de seus estudos litterarios—revelou, entretanto, que conseguira escrever em um estylo muito agradável..

S. Ex. foi, porém, verdadeiramente inedito em relação ao seu antecessor, o poeta Teixeira de Mello. Ninguem se lembrára ainda de uma d'aquellas! Lisamente, S. Ex., confessou sem rodeios, que nunca lhe lera os versos—e que tambem, agora, não os quizera lêr «apressadamente...» Por isso, transferia ao Sr. Affonso Arinos — que, pelos modos, tinha obrigação de conhecer os versos do academico finado—o encargo de lhe fazer o elogio funebre... De certo, o Sr Affonso Arinos disfarçou, falou da guerra do Paraguay e do descobrimento do Brasil—mas sobre Teixeira de Mello nem pio! Pobre Sr. Teixeira de Mello!

Imagine, porém, o denodado Barão da Frente a situação do seu futuro successor na curul academica, em dias que, praza aos céos!, longe virão... Imagine S. Ex. si o seu successor —talvez o poeta Albano— lerá as substanciosas paginas da «Reorganização Naval» ou preferirá recorrer ao mesmo estratagemma, commodo e original...

Quem ficou escandalisado com o facto foi, por certo, o eminente Sr. Barão do Rio Branco—tão profundo conhecedor das tradições academicas. E, seguramente, o Sr. Machado de Assis não deixará de recorrer a S. Ex. afim de evitar a reproducção do lamentavel caso — do mesmo modo que já se tem recorrido ao nosso glorioso chanceller para mobiliar decentemente o Palacio do Catete, para fazer a gente passeiar de carro descoberto, e até para tornar concorridos os *Four ó clock concerts!*...

O novo academico confessou ainda que attribuia a sua eleição simplesmente ao desejo de prestar uma homenagem ao seu patriotismo; e o Sr. Affonso Arinos confirmou.

Podemos assegurar que estas considerações causaram grande successo. Está, por isso, assentado que, na proxima vaga, entrará para a Academia o valoroso defensor do Acre, Sr. Placido de Castro. Está até combinado que o Sr. Paula Barreto desistirá ainda uma vez. . . .

*
* *

Do nosso segundo numero, avulsamente, vendemos 82 exemplares. O augmento veio certamente da «Caravana», que, ao que parece, quer a nossa prosperidade. Não ha como inimigos da ordem desses beduinos (!) sem camellos! Gente de bons bofes, sem rancões, que desse modo dá a mais insuspeita prova de desejar sinceramente a prosperidade das letras patrias.

Mas agora não se enganem e ouçam uma cousa: se tudo marchar como até agora, nós venderemos neste numero 126 exemplares, no 4º 170, e no 24º, caso a «Floreal» dure um anno, 1050; o que é ainda por demais insignificante para podermos pagar a preciosa e carissima collaboração de Vs. Percam as esperanças. . .

* *
*

O Sr. Alcino não foi lá muito veridico, quando affirmou na Camara que o serviço militar na marinha ingleza é obrigatorio.

Pelo menos, em face do que se lê no—*Little Londoner—a concise account of the life and ways of the English with referencce to London*—é o que se conclue.

A livraria Laemmert vende-o.

E' um livro de informações a granel, publicado este anno, e trata do commercio, sports, trens, aguas mineraes, laxantes, etc., em cuja pag. 173 se lê o seguinte: *Navy—To the navy Great Britain owes her wealth and enormous colonial possessions. The recruitment is voluntary as in the army, etc., etc.*

Parece que o Sr. Affonso Costa continúa a estar em boa companhia.

Perolas e Diamantes

Porque seu genio se desentranhava
Como o equador — em nuvens pardacentas

(LUIZ MURAT, *Paiz*, 15—11—07)

Penso logo existo, bradava o grego orgulhoso.

(*A Dôr*, Conf. litteraria de Alcindo Guanabara.)

... pelo harmonioso estylo architectonico, calcado sobre o corynthio, em que lhe moldaram todas as partes da fabrica, desde a fachada singela, em que predomina o caracter do renascimento italiano, até o elegante zimbório de secção espherica...

(Arthur Dias. *Brazil Actual*, pag. 210.)

*
* *

As arvores soffrem, as arvores adoecem, as arvores amam. Se as cousas têm uma alma—*anima rerum*— com muito mais razão tem-n'a tambem as plantas. E' a theoria pantheista.

(Binoculo. *Gazeta de Noticias*, 17 de Novembro)

*
* *

Conselhos

Aos amadores de novidades :

A chronica rimada de O. D E., no *Correio da Manhã*, e os folhetins do Dr. Vieira Fazenda, na *Noticia*. Dous regalo's !

